

## OS POSSÍVEIS SENTIDOS ENTREVISTOS NO PREÂMBULO DE UM LIVRO DE MEMÓRIAS

*Ida Lucia Machado\**  
*Alcione Roque Reis\*\**

**RESUMO:** Neste artigo, na esteira dos trabalhos já divulgados por Machado (2013, 2014) abordarmos o tema “trabalho/profissão ligado à vida íntima de um intelectual”, ao buscar os sentidos explícitos e implícitos contidos em um curto preâmbulo do livro de Memórias do poeta chileno Pablo Neruda. Para tanto, tomamos por base teórica conceitos vindos de duas teorias diferentes mas complementares: a da análise do discurso Semiolinguística e a da narrativa de vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sentidos; Preâmbulo; Análise do Discurso; Narrativa de vida.

Temos observado<sup>1</sup> como certos intelectuais ou artistas ao narrar suas vidas, ao lembrar seu passado, mesmo efetuando um mergulho em acontecimentos vividos antes da fama e do sucesso, não conseguem escrever sem deixar de lado menções ao seu trabalho.

---

\* Doutora em Letras pela Université de Toulouse II. Professora Colaboradora do Poslin/FALE/UFMG. Bolsista PQ do CNPq

\*\* Doutoranda do PosLin/FALE/UFMG. Bolsista da CAPES.

<sup>1</sup> Em trabalhos já divulgados, oriundos do projeto de pesquisa de Machado (CNPq) intitulado *Um olhar discursivo sobre percursos de vida que se entremeiam a percursos teóricos*.

Parece-nos assim que um fator mais coletivo - o trabalho, a luta pela sobrevivência e pelo sucesso na vida em sociedade - está sempre imbricado na mente daquele que quer desvelar seus segredos mais íntimos, seja através de autobiografias, memórias ou obras afins. Em outras palavras, temos notado neste tipo de publicações que o ser humano se autoconstrói em parte por meio de sua vida íntima e em outra parte por sua profissão. Ora, a partir de um certo momento de sua existência, tal ser sente necessidade de reunir tudo isso sob o olhar da maturidade e passa então ao processo de recuperação/arranjo de suas memórias, a fim de torná-las públicas. Enfim, verifica-se nesses livros genealógicos um desejo daqueles que os compõem de deixar algo de si, um marco de sua passagem pela terra, ou pelo menos de autoexplicar sua vida pela escrita.

“Valeu a pena? Tudo vale a pena se a alma não é pequena” (PESSOA, “Mar português” in *Mensagem*, 1934): eis neste verso do poeta português uma síntese do que parecem buscar aqueles que se lançam nessa empreitada, por vezes sofrida e quase sempre melancólica, sem que a expressão desses sentimentos seja necessariamente a visada primeira do eu-narrador face a inexorável passagem do tempo.

Abrimos aqui um parênteses. Segundo a Semiolinguística (1983, p. 46), a voz que assume o lugar desse eu-narrador em documentos escritos, é, por assim dizer, “comandada” por um autor. E, é preciso lembrar, “um autor é antes de tudo um ser humano, presente em seus livros” (HOUELLEBECQ, 2015, p. 13)<sup>2</sup>. É pois natural que neles esse sujeito-empírico deixe pistas que poderão talvez levar o leitor a fatos ligados a sua vida e ao seu trabalho, mesmo que seja de modo implícito e mesmo dissimulado. Para ilustrar o que foi dito, podemos citar a trilogia *Nossos antepassados* do escritor italiano Calvino: referimo-nos aqui, é claro, não a livros autobiográficos, mas a uma obra de ficção, cuja ação transcorre em mundos fantásticos. Porém, mesmo nessa atmosfera surreal, nota-se a presença do autor Calvino, com sua ironia crítica “guiando” as vozes dos narradores da Trilogia. O que queremos dizer com isso é que a narrativa de vida pode aparecer quando menos se espera. Ela não está confinada aos gêneros biográficos ou autobiográficos... e

<sup>2</sup> Nossa tradução de: “[...] un auteur c’est avant tout un être humain, présent dans ses livres [...]”

que, mesmo em um livro de Memórias, a narrativa de vida pode se esconder em um Preâmbulo do livro...

Assim sendo, neste artigo realizado a quatro mãos, gostaríamos de analisar ou reanalisar uma “possível interpretação” (CHARAUDEAU, 1983, p. 57) do pequeno (e poético) preâmbulo colocado nas primeiras páginas do livro de Memórias escrito pelo poeta chileno Pablo Neruda, intitulado *Confieso que he vivido*. A primeira edição do livro – de 1975 – foi póstuma, ou seja, o livro foi publicado um ano após a morte do autor. Utilizaremos aqui uma versão traduzida para o português por Olga Savary. O título da publicação brasileira é: *Confesso que vivi*, precedido em letras menores por “Pablo Neruda – Memórias”.

O que propomos talvez seja mais uma reflexão sobre o preâmbulo de Neruda, que nos leve aos sentidos ali construídos. Dito de outro modo: gostaríamos de observar essa curta produção escrita pelo poeta chileno como se fosse a porta de entrada para toda uma história de vida, por meio de três etapas, nas quais consideraremos: 1<sup>a</sup>) que o preâmbulo em pauta (como vários outros) funciona como um aviso ou indicação para a leitura que deve ser feita da obra daquele que a escreve; 2<sup>a</sup>) que essa porta de entrada para a leitura do livro aponta para a duplicidade constitutiva do eu-escritor que, ao narrar sua história de vida pessoal, fala também de um outro-eu, daquele que exerceu a profissão de poeta. Desse modo, o escritor, ao tentar se expor e se situar diante dos olhos do leitor se vê confrontado com essa duplicidade: ele é ele (ser exterior), mas ao mesmo tempo ele é outro (ser interior) divisão que curiosamente, ele aceita e nega; 3<sup>a</sup>) que assim, o próprio eu-narrador oferece inúmeras pistas para o estudo da história de sua vida, vista como um todo.

Veremos a seguir se o estudo dessas etapas para desconstruir o texto a fim de reconstruí-lo, em um processo caro à análise de discurso que praticamos, nos permitirá chegar ao nosso objetivo principal: a busca de um sentido para o preâmbulo citado. Que como dissemos, será nada mais, nada menos que apenas uma das muitas interpretações possíveis para tais escritos que antecedem, e ao mesmo tempo anunciam as grandes linhas

da obra em si.

### 1. O outro que existe em mim: algumas reflexões

Ainda que rapidamente, antes de prosseguirmos, baseando-nos sempre em Machado (2015) gostaríamos de explicar porque adotamos o sintagma narrativa de vida em vez de falar simplesmente de autobiografia, história de vida ou como agora, no caso de Neruda, confissões ou memórias. Segundo a citada pesquisadora, vários autores contribuíram para sua adoção do supracitado sintagma, principalmente Genette (1983), Charaudeau (1983, 1992), Bertaux (2005), Salmon (2007) e Paraná (2008), cada um a sua maneira. Por outro lado, essa preferência e escolha terminológica, realça o fato de que a prática narrativa é uma constante em nossas vidas e, mais que isso “aquilo que envolve e vem costurar cada instante, cada situação, e mesmo cada distração” (FAYE, 2010, p. 5).

Machado (2014) explica que, por sua própria origem sociológica, a teoria do *récit de vie* (ou narrativa de vida em português), foi introduzida na França em 1976, segundo afirmações de Bertaux (2005, p. 6). Ora tal teoria encontrou neste sociólogo um bom campo para ser desenvolvida. Curiosamente, tal teoria se adequa bem à teoria de análise do discurso preconizada por Charaudeau (1983), teoria esta que mescla com harmonia e habilidade conceitos vindos da sociologia e da antropologia aos estudos discursivos. Opera-se assim um natural encontro entre as duas teorias.

Apesar dessas explicações, gostaríamos de transcrever neste artigo o que afirma (ou confessa) Machado (op. cit.), enquanto analista do discurso, sobre sua preferência pela terminologia:

A segunda razão dessa preferência só foi por nós descoberta após discussão informal sobre o assunto com o professor William Augusto Menezes, em agosto de 2013. Estávamos ambos justamente preocupados com a identificação do termo autobiografia à narrativa de vida e vice-versa. Segundo Menezes, cujas palavras buscamos aqui reproduzir, quando falamos em autobiografia (ou mesmo biografia), de modo geral, mostramos interesse por apenas alguns traços ou aspectos da história de um ser que fala de si e de sua época, o que é de suma importância, é claro; porém, para nós, analistas do

discurso, em face do texto desse ser-que-se-conta, queremos ocupar-nos também com a narrativa em si, com suas múltiplas estratégias linguageiras, conscientes ou inconscientes. Em outros termos, preocupa-nos a prática narrativa com tudo o que ela implica: o fato de contar algo enquanto representação do mundo, do outro, das interações desse sujeito com o mundo e a relação que ele mantém com sua narrativa. É esse ponto preciso que a AD busca ao se apropriar da memória enquanto tema de estudos. (MACHADO, 2014, p. 1132)

Acreditamos que a transcrição acima contém o cerne de nossa atual preocupação: a análise do discurso semiolinguística, reforçada pelo estudo da narratividade<sup>3</sup> busca desvendar os sentidos implícitos e explícitos que levam à construção de determinados textos, como no caso, o do preâmbulo que agora tomamos para análise<sup>4</sup>.

Isso dito, passemos a análise das três etapas propostas ou exponhamos as três visões que teremos sobre essa narrativa introdutória do livro de Memórias de Neruda. Como ela ocupa apenas poucas linhas, tomaremos a liberdade de reproduzi-la no corpo do artigo, já que ele é detentor não só de uma orientação de leitura (e logo, de sentido), como também é rico em palavras que explicam a própria natureza da narrativa de vida, entre outras coisas:

Estas memórias ou lembranças são intermitentes e, por momentos, me escapam porque a vida é exatamente assim. A intermitência do sonho nos permite suportar os dias de trabalho. Muitas de minhas lembranças se toldaram ao evocá-las, viraram pó como um cristal irremediavelmente ferido.

As memórias de um memorialista não são as memórias do poeta. Aquele viveu talvez menos, porém fotografou muito mais e nos diverte com a perfeição dos detalhes; este nos entrega uma galeria de fantasmas sacudidos pelo fogo e a sombra de sua época.

Talvez não vivi em mim mesmo, talvez vivi a vida dos outros.

Do que deixei escrito nestas páginas se desprenderão sempre – como nos arvoredos de outono e como no tempo das vinhas – as folhas amarelas que vão morrer e as uvas que reviverão no vinho

<sup>3</sup> Cujas presença é evidenciada por Charaudeau desde seu primeiro livro sobre análise do discurso (1983).

<sup>4</sup> A bem da verdade, notamos que o que foi transcrito acima vem ao encontro da supracitada afirmação de Faye (2010, p. 5).

sagrado.

Minha vida é uma vida feita de todas as vidas: as vidas do poeta.

(NERUDA, 2014, p. 5)<sup>5</sup>

Dentro da primeira etapa proposta, notamos que Neruda, ao conceber este preâmbulo parece fornecer ao leitor algumas indicações para abordar sua obra. Esta é aliás, uma preocupação muito frequente em certos autores: direcionar seus sujeitos-interpretantes reais para uma leitura correta, não deixando que eles se percam em seus estereótipos ou imaginários que podem surgir ao se deparar com o relato da vida de um famoso poeta, que na certa, conhecem e admiram (ou não). O autor, como sujeito-comunicante, tenta assim separar bem o joio do trigo, ou seja: o homem Neruda, sujeito-empírico, tenta mostrar que ele é um e o sujeito-poeta é outro. Este anseio está claramente expresso no enunciado que destacamos do Preâmbulo e transcrevemos abaixo:

(i) As memórias de um memorialista não são as memórias do poeta.

O desejo de separar os sujeitos -os “eu(s)”- está de acordo com o famoso esquema concebido por Charaudeau (1983, p. 46), esquema este que tem servido de base para vários trabalhos em análise do discurso nessas duas últimas décadas pois, em sua aparente simplicidade, ele reflete bem a busca de sentidos em determinados enunciados ou macro-enunciados, já que expõe dois espaços: em um deles, o externo, temos o mundo dito “real”, onde indivíduos como eu ou vocês que me leem circulam e tentam se comunicar e se fazer entender; no outro, temos os sujeitos-de-papel ou seres criados para assumir essa comunicação; evidentemente, os dois espaços se comunicam<sup>6</sup>. No esquema é considerado um sujeito-comunicante, ligado ao autor, enquanto indivíduo histórico, real. Ele se situa na fronteira entre o pensamento que conduz ao projeto de escritura e faz criar um ser-narrador ou sujeito-enunciador, aquele para o qual a palavra é legada. Essas duas entidades se intercomunicam é claro, e uma não teria razão de existir sem a outra, pois são elas

<sup>5</sup> Essa curta narrativa não recebeu nenhum título: o termo “preâmbulo” foi proposto por nós.

<sup>6</sup> Para melhor visualização/explicação do esquema remetemos o leitor a Machado, 2001, p. 58 e a Aguiar-Mendes, 2001, p. 322.

que, por assim dizer, lançam o ato comunicativo na floresta intrincada das mil e uma interpretações de sentidos possíveis...

Assim agindo, Neruda tenta minimizar os efeitos de seu fazer poético, ou de uma vida consagrada à poesia<sup>7</sup>, sua verdadeira profissão. No entanto, no final do preâmbulo, ele faz um apelo ao leitor para que este não se esqueça de que Neruda é acima de tudo, um poeta:

(ii) Minha vida é uma vida feita de todas as outras vidas: as vidas do poeta.

Tal afirmação poderia parecer contraditória com a informação destacada (i), se não operássemos (ou estivéssemos conscientes) dessa divisão de sujeitos, divisão que colocaremos no domínio do simbólico, pois afinal todos os “eu(s)” se encontram, como o próprio Neruda parece reconhecer: a voz que dele emanava e compunha poesias vem de sua essência íntima ou pelo menos é oriunda de um imaginário composto por várias vozes ou ecos de vozes de vários outros “eu(s)”. E o “eu” de um poeta nunca é único, pois ao exercer seu trabalho do fazer poético, ele fatalmente assume outras vozes, vindas de outras personagens, reais ou imaginárias, que lhe cruzaram a mente no momento da criação.

Entramos assim, quase sem perceber, com passos de gato, na duplicidade do eu-escritor. É preciso confessar que, no domínio da análise discursiva o já citado esquema de Charaudeau (1983, p. 46) ajudou a ampliar nossa reflexão sobre tal divisão. Mas, é preciso também lembrar que, antes dele, Bakhtin (1970, p. 252-279) já escrevia sobre a profusão de vozes que se encontram em nossos ditos. Diremos então, prolongando essas reflexões, que o “eu” naturalmente dividido ou habitado por tantas vozes, como o próprio Neruda o pressentia ao afirmar que a vida de um poeta era feita de tantas outras vidas<sup>8</sup>, que a razão desse preâmbulo é mais um cuidado do escritor em relação ao “outro”, seu ami-

<sup>7</sup> Mas também, como o conteúdo do livro nos mostrará, à política ou ao seu desejo de um mundo onde houvesse igualdade entre os homens.

<sup>8</sup> Menção esta que nos leva, imediatamente aos vários “eu(s)” ou vidas do poeta Fernando Pessoa...

go/inimigo leitor real, que com esse apelo, o poeta tenta transformar em cúmplice, que melhor entenda e acompanhe seu livro de memórias, que não o julgue pela natural fluidez dessas e para que ele sinta que o poeta incorpora também, de certo modo, a voz desse “outro”: o leitor. Daí a aparente contradição dos dois enunciados até agora destacados do preâmbulo, contradição esta que veríamos mais como um artifício retórico, um apelo emocional ao outro, algo que talvez se situe na mesma filiação do apelo de Baudelaire (1861/2012): “Hypocrite lecteur, – mon semblable, – mon frère!”<sup>9</sup> em um poema dedicado “Ao leitor”.

Ora, assim agindo, o sujeito dividido/cindido de Neruda abre seus escritos para várias interpretações. Chegamos assim a terceira etapa anteriormente proposta para esta análise. Ao exibir sua duplicidade, o “eu” daquele que narra nos fornece algumas pistas que vão levar aos sentidos do Preâmbulo, como porta de entrada para um livro de Memórias.

Nessa ótica, já sabemos que tal “eu” esteve sempre ligado a dois sujeitos, o Neruda enquanto ser vivente e o Neruda enquanto poeta: essa associação do homem ao seu trabalho foi feita acreditamos, com uma leveza natural. Talvez esse sujeito duplo nem tenha percebido como seu preâmbulo é pura poesia em prosa e, por isso mesmo banhado por uma luz fluída que liga fios de vida vividos a outros, imaginados. Dá-se pois, um embate entre o que era real e que foi recriado pelo escritor e o que era apenas imaginário e que, de repente, ganha cores de real ao ser transposto ou registrado por escrito. Essa é uma característica do gênero onde encaixamos a narrativa de vida. E tal gênero, como afirma Machado (2013, p. 4)

[...] coloca em evidência a presença dos chamados efeitos de ficção ou o próprio contrato de ficção, que é normalmente usado para captar a atenção do leitor ou ouvinte quando se narra uma história de um mundo imaginário: na narrativa de vida, a ficção entra de modo natural, como uma estratégia de captação do interlocutor, em um discurso que busca relatar o factual. A narrativa de vida é

<sup>9</sup> Tradução nossa: “Leitor hipócrita – meu semelhante – meu irmão!”



um bom exemplo da junção factual mais ficcional: quem garante que, ao contar sua vida, um ser falante não estará dando a esta uma nova cor? Falar do passado –seja este remoto ou próximo - é algo envolvente que abre as portas para um mundo que talvez esteja somente nos sonhos do ser comunicante: tal mundo pode revelar-se poético, trágico, cômico, etc., etc.

No caso de Neruda, tal mundo revela-se poético, sem dúvida. E a poesia, a música das palavras tão bem articuladas de seu preâmbulo deixam ver o que a poesia significou para a vida desse homem: sua razão de viver e de olhar o mundo. Assim este novo enunciado dele destacado

(iii) Do que deixei escrito nestas páginas se desprenderão sempre – como nos arvoredos de outono e como no tempo das vinhas – as folhas amarelas que vão morrer e as uvas que reviverão no vinho sagrado.

nos remete a uma comparação poética: as páginas de memórias de um homem serão sempre páginas amareladas, esmaecidas, de uma vida já quase que toda vivida. Um tom mórbido poderia aí se instalar confortavelmente, mas em uma leitura mais cuidadosa, o que visualizamos foi uma nota lúdica na narrativa de Neruda, que nos levou novamente a Bakhtin (1970, p. 316): o renascer, a transformação da vida. Tudo o que é expelido, que cai, que morre, acaba por renascer sob outra forma. E, no caso de Neruda, sob uma forma prazerosa: a do bom vinho. Mais que isso: a do vinho sagrado. Vinho dos deuses. Néctar da vida. O próprio Bakhtin lembra que “[...] O vinho libera [o homem] do medo e da piedade” (BAKHTINE, 1970, p. 285)<sup>10</sup>.

Seria esse preâmbulo parte de uma literatura por vezes carnavalizada? É bem possível. Eis uma orientação que pode ser seguida na leitura desse livro de Neruda... É como se ele dissesse: “-Não quero aqui despertar nenhuma compaixão como já vi acontecer em outros livros de Memórias que fazem recurso ao pathos da nostalgia”. Em nosso possível interpretativo (um entre tantos, insistimos) acreditamos que a inclusão do vinho dos deu-

<sup>10</sup> Nossa tradução de: “Le vin affranchit de la peur et de la piété”.

ses no final do preâmbulo tenha confira pois à narrativa uma nota de festa, banquete, alegria, no sentido bakhtiniano da palavra.

Assim, notamos que Neruda não se mostra uma presa fácil para o pathos da escrita intimista: ele sabe muito bem que o homem, quando se debruça sobre seu passado, dele recolhe vestígios que reacomoda e organiza da melhor maneira possível; que o embate entre o que é real e o que é ficção faz naturalmente parte desse modo de escrever. Desse modo, seu preâmbulo nos ensina - de modo inconsciente e em poucas palavras - muito sobre o que é uma narrativa de vida:

(iv) Estas memórias ou lembranças são intermitentes e, por momentos, me escaparam porque a vida é exatamente assim. A intermitência do sonho nos permite suportar os dias de trabalho. Muitas de minhas lembranças se toldaram ao evocá-lo, viraram pó como um cristal irremediavelmente ferido.

É interessante notar como Neruda é lúcido ao reconhecer a “intermitência” das lembranças de uma vida e o poder de reconstruí-las mesmo que nelas entrem os “sonhos” e, com eles, a ficção.

Nesse sentido, as duas últimas linha do enunciado (iv) encontram uma explicação teórica nas palavras de Gusdorf (1990, p. 373-384) que afirma:

As recorrências do imaginário autorizam a constituição de um passado irreal, que permite àquele que redige de se desferrar dos falsos-sentidos, dos contrassensos e das incompreensões da história. (GUSDORF, ano, p. 373-384)<sup>11</sup>

Notamos nessa citação onde Gusdorf aborda justamente os escritos intimistas, como é normal e usual o recurso a ficção na tarefa de reunir lembranças para compor uma história de vida.

Por outro lado, ainda no enunciado (iv) verificamos a presença do trabalho, que não é apresentado sob a a luz de uma tarefa unicamente prazerosa mas, como algo sofrido

<sup>11</sup> Nossa tradução de: “Les recurrences de l’imaginaire autorisent la constitution d’un irréel du passé, qui permet au rédacteur de prendre sa revanche sur les faux-sens, les contresens et les incompréhensions de l’histoire.”

do, mas que deve que deve ser suportado. Felizmente os sonhos, os frutos do imaginário tornam o “ganha-pão” menos sofrido. Neruda, é preciso lembrar, enquanto marxista, sofreu com o regime de Pinochet que matou tantos amigos seus como o Presidente Allende, reduzindo seu país a uma ditadura, por muitos anos. Tais fatos, ligados a sua luta política na vida, não foram esquecidos. Deles o narrador fala sutilmente, quase de modo imperceptível ao mencionar algumas lembranças “que viraram pó, mas um pó que machuca”, logo, lembranças que foram reprimidas, que não sobem inteiramente à tona naquele momento de construção do preâmbulo, e que se chocam com os belos frutos de seu trabalho envolvendo um imaginário poético. Mas essas lembranças não agradáveis estão lá, no fundo de sua mente. Pelo menos nesse preâmbulo, elas foram bem abafadas por um “eu” que tem plena consciência disso.

O preâmbulo de Neruda é assim um pequeno universo narrativo por onde passam sentimentos variados, dores e alegrias confusas... reflexos da vida de um homem que viveu para fazer poesia.

## 2. Algumas palavras a guisa de conclusão

Cabe-nos agora, fazer um balanço dessas rápidas reflexões que fizemos sobre essa pequena introdução ao livro de Memórias de Neruda e que intitulamos de preâmbulo.

Nesse sentido, tal preâmbulo – repetimos a questão – seria parte de uma literatura carnavalizada, como diria Bakhtin (1970, op. cit.)? Insistimos nessa questão pois lembramos que:

A transgressão ou subversão discursiva é sempre promovida por um movimento dos múltiplos sujeitos do discurso. O sujeito não é uma entidade fixa e única, mas, desdobrável: ele permite e até mesmo convoca a palavra de outros sujeitos para entrar em seu enunciado aproximando-se ou afastando-se destas outras vozes. Enfim, vemos o sujeito como uma entidade que oscila entre um desejo de parecer único (mesmo sabendo que não o é) e a evidência de ser um sujeito ambivalente ou no mínimo, ser um sujeito habitado por palavras que têm mais de uma voz – palavras bivocais (Bakhtin, 1970: 242). (MACHADO, 2013, p. 15)

Diante dessa citação, podemos tentar dar uma resposta à pergunta. A narrativa que chamamos preâmbulo não é propriamente transgressiva. Talvez essa transgressão, se houver, apresenta-se diluída em uma ironia suave, que marca a extrema lucidez do escritor ao preparar o leitor para a leitura de seu livro e ao explicar – com a paciência de um mestre – que as memórias de alguém são sempre reconstruções feitas por esse alguém. Ou seja, histórias que oscilam entre efeitos de real e efeitos de ficção que o escritor intimista não pode dispensar. Sentimos também essa doce ironia quando Neruda compara a vida de um homem às folhas secas e amarelas de um livro de memórias... mas tais folhas, lembra ele, podem ser comparadas às folhas secas de um vinhedo que produziu uvas que, por sua vez, se transformarão em vinho sagrado.

Haveria aí uma menção ligeiramente paródica ao vinho sagrado da missa católica? À transformação da água em vinho feita pelo Cristo? São apenas possíveis interpretativos, é claro, mas que não deixam de apontar para o aspecto lúdico de Neruda-escritor, cuja escrita em um pequeno preâmbulo já deixa entrever. A retomada da palavra do outro, inserida em outro contexto é sempre reveladora de um jogo polifônico.

Mas, de todo modo, pela exposição de seus dois “eu(s)” o narrador é tão franco e didático que não podemos deixar de ver nessa sua curta narrativa introdutória algo de “transgressivo” se a compararmos a tantos outros preâmbulos muito emproados e vãoos que a literatura universal nos fornece.

Finalmente, para concluir este artigo, observamos também – e aí talvez esteja o grande sentido do preâmbulo em pauta – que ele é mais que qualquer outra coisa, uma proposta de reflexão feita por parte de Neruda ao seu leitor. Uma reflexão sobre a vida, que oscila em uma dupla perspectiva poética e filosófica e sobre as relações que entretêm os escritores intimistas com seus escritos.

**LES SENSES POSSIBLES ENTREVUS  
DANS LES PREAMBULE D'UN LIBRE DE MEMOIRES**

**RÉSUMÉ** : Dans cet article, en suivant les pas de Machado (2013,2014) nous approchons le thème “travail/métier lié à la vie privée d’un intellectuel”. Pour ce faire, nous avons cherché les sens explicites et implicites contenus dans un petit préambule du livre de Mémoires du poète chilien Pablo Neruda. La base théorique a été puisée dans des concepts venus de deux théories différentes mais complémentaires: l’analyse du discours Sémio-linguistique et la théorie du récit de vie.

**MOTS-CLES** : Sens ; Préambule ; Analyse du Discours ; Récit de vie.

## Referências

BAKHTINE, M. *La poétique de Dostoïevski*. Paris: Seuil, 1970.

\_\_\_\_\_. *L’Oeuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen Âge et sous la Renaissance*. Paris: Gallimard, 1970.

BAUDELAIRE, C. Au lecteur. In: *Les fleurs du mal*. (Édition 1861) Paris: Hachette/BNF: 2012, p. 28.

BERTAUX, D. *Le récit de vie*. 2. ed. Paris: Armand Colin, 2005.

CALVINO, I. *O cavaleiro inexistente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. [Il Cavaliere inexistente, 1959].

CALVINO, I. *O Barão nas árvores*. São Paulo. Companhia das Letras, 2009. [Il Barone rompante]

CALVINO, I. *O Visconde partido ao meio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. [Il visconde dimezzato, 1952]

CHARAUDEAU, P. *Langage et discours*. Paris: Hachette, 1983.

\_\_\_\_\_. *Grammaire du sens et de l’expression*. Paris: Hachette, 1992.

FAYE, J.-P. *L’expérience narrative et ses transformations*. Paris: Hermann Editeurs, 2010.

GENETTE, G. *Nouveau discours du récit*. Paris: Seuil, 1983.

GUSDORF, G. *Lignes de vie, t.1*. Les écritures du moi. Paris: Odile Jacob, 1990.

HOUELLEBECQ, M. *Soumission*. Paris: Flammarion, 2015.

MACHADO, I.L. Uma teoria da análise do discurso: a semiolinguística de Patrick Charaudeau. In: MARI, H.; MACHADO, I.L.; MELLO, R. (org.) *Análise do discurso*, fundamentos e práticas, Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2001, p. 24-39.

\_\_\_\_\_. O Prefácio visto como uma prática discursiva onde diferentes vidas e obras se entrecruzam, in: *Revista de estudos linguísticos*, São Paulo, 43 (3): p. 1129-1139, set-dez 2014.

MENDES, P. H. Aguiar. Sobre o contrato de comunicação: do discurso ao debate político-eleitoral. In: MARI, H.; MACHADO, I.L.; MELLO, R. (org.) *Análise do discurso, fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2001, p. 313-346.

NERUDA, P. *Memórias*. Confesso que vivi. Tradução de Olga Savary, 36. ed., Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2014.

PARANÁ, D. *Lula, o filho do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

SALMON, C. *Storytelling: la machine à formater des histoires et à formater les esprits*. Paris : Ed. de La Découverte, 2007.

*Recebido em 21/01/2015.*

*Aprovado em 27/03/2015.*